


## **Quando o real ultrapassa o ficcional: reflexões sobre as obras *Um dia, um rio* e *Sagatrisuitorana***


***When reality surpasses fictionality: reflections on the works *One day, a river* and *Sagatrisuitorana****

***Cuando la realidad supera la ficcionalidad: reflexiones sobre las obras *Un día, un río* y *Sagatrisuitorana****


Joyce Ap.da Silva Linard<sup>1</sup>

 0009-0004-2634-3826

Letícia Kondo<sup>2</sup>

 0000-0002-5665-2900

Cyntia Graziella G. S. Giroto<sup>3</sup>

 0000-0003-0620-4613

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre obras cujos enunciados dialogam a respeito das ações humanas e seus impactos no meio ambiente. Para isso, elegemos as obras *Um dia, um rio* do escritor Leo Cunha (2016) e ilustrações de André Neves e *Sagatrisuitorana* do escritor João Luiz Guimarães e ilustrações de Nelson Cruz (2020); ambas escritas após as tragédias ocorridas respectivamente na cidade de Mariana/MG em 2015 e Brumadinho/MG em 2019. Para entendimento deste percurso, analisamos os enunciados verbais e visuais presentes nas obras – duas linguagens importantes e necessárias para a construção de sentidos nas narrativas dos livros ilustrados - oportunizando reflexões sobre as potencialidades dos livros de literatura infantil como forma de humanização e desenvolvimento da compreensão leitora. Apresentamos, também, uma atividade prática a ser desenvolvida acerca da obra *Sagatrisuitorana*. Com vistas a esclarecer o processo dialógico adotado, dialogamos, principalmente, com o filósofo russo da linguagem, Bakhtin, e com as estratégias de leitura defendidas por Giroto e Souza (2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Literatura Infantil; Formação do leitor.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda em Educação pela UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília/SP. E-mail: joyce.linard@unesp.br

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda em Educação pela UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília/SP. E-mail: leticia.kondo@unesp.br

<sup>3</sup> Livre-docente em Leitura e Escrita. Pós-doutorado em Literatura Infantil. Mestre e Doutora em Educação. Professora da UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília/SP. Email: cyntia.giroto@unesp.br

**ABSTRACT:** This article reflects on works whose statements discuss human actions and their impacts on the environment. To this end, we selected the works: *Um dia, um rio* by writer Leo Cunha (2016) and illustrated by André Neves; and *Sagatrisuinorana* by writer João Luiz Guimarães and illustrated by Nelson Cruz (2020); both written after the tragedies that occurred respectively in the city of Mariana, Minas Gerais, in 2015 and Brumadinho, Minas Gerais, in 2019. To understand this journey, we will analyze the verbal and visual statements present in the works - two important and necessary languages for the construction of meaning in picturebook narratives - providing an opportunity to reflect on the potential of children's books as a form of humanization and development of reading comprehension. We will also present a practical activity to be developed based on the work *Sagatrisuinorana*. To clarify the dialogic process adopted, we will primarily engage in dialogue with the Russian philosopher of language, Bakhtin, and with the reading strategies defended by Giroto and Souza (2010).

**KEYWORDS:** Education; Children's Literature; Reader Training.

**RESUMEN:** Este artículo reflexiona sobre obras cuyos enunciados abordan las acciones humanas y su impacto en el medio ambiente. Para eso, seleccionamos las obras *Um dia, um rio* del escritor Leo Cunha (2016), con ilustraciones de André Neves, y *Sagatrisuinorana* del escritor João Luiz Guimarães, con ilustraciones de Nelson Cruz (2020); ambas escritas tras las tragedias ocurridas en Mariana, Minas Gerais, en 2015 y Brumadinho, Minas Gerais, en 2019.. Para comprender este recorrido, analizaremos los enunciados verbales y visuales presentes en las obras — dos lenguajes importantes y necesarios para la construcción de significado en las narrativas de los libros ilustrados —, lo que permitirá reflexionar sobre el potencial de los libros infantiles como forma de humanización y desarrollo de la comprensión lectora. También presentaremos una actividad práctica basada en la obra *Sagatrisuinorana*. Para esclarecer el proceso dialógico adoptado, dialogaremos, principalmente, con el filósofo ruso del lenguaje, Bakhtin, y con las estrategias de lectura defendidas por Giroto y Souza (2010).

**PALABRAS CLAVE:** Educación; Literatura infantil; Formación de lectores.

## Primeiras palavras

“Ocorre com alguns livros: abrem em nós uma fenda que não nos permite esquecê-los” (Andruetto, 2012, p. 35).

Ao se debruçarem em seus originais, escritores e ilustradores manifestam sentimentos, expressões, experiências pessoais de pessoas próximas ou conhecidas, de algum acontecimento em sua cidade, estado ou país. Trazem essas narrativas para o contexto atual. Interpretam os mais relevantes intuitos de suas gerações e períodos dos grupos sociais em que estão inseridos, porque “a arte é imanentemente social” (Volochinov, 2019, p. 113). Assim, em contato com a obra, o leitor não pode deixar-se envolver em uma leitura mecanizada, ou pensada somente como decodificação de signos da linguagem escrita, já que tais atos mencionados

resultam, ao final, em uma compreensão não alargada, reduzida de suas possibilidades emancipadoras.

Rompendo com o modelo de livros tradicionais, os da literatura de infância na contemporaneidade não são aqueles contendo somente uma capa bonita e atrativa, e com folhas internas. Com diversas dimensões, formatos, cores, texturas, materiais, e tantos outros elementos presentes no objeto da cultura humana - livro (capa, contracapa, guarda, jaqueta, ficha catalográfica, dobras e etc.) - acabam por ajudar na construção da narrativa ao não serem mais pensados isoladamente, mas interligados ao projeto estético e gráfico da obra. Em contato com os livros dessa natureza, o leitor é aguçado a exploração da obra por completo, na construção dos diversos sentidos e na sua formação como leitores críticos, exploratórios, conscientes e empáticos.

Mais do que ler para deleite, as obras literárias nos provocam, nos inquietam e nos questionam na intensidade que cada virar de página pode nos proporcionar. A literatura, nos diz a renomada autora argentina Maria Tereza Andruetto, “é, basicamente, uma interrogação sobre o mundo” (Andruetto, 2012, p. 119), sobre a vida, que é dialógica por natureza, em que “viver significa participar do [grande] diálogo [da vida]: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc” (Bakhtin, 2011, p. 348), são constitutivos do viver, impedindo-nos do nosso próprio isolamento. Justamente porque são pelas relações de reciprocidade, entre o eu e o outro, que cada indivíduo se constitui, pois

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja (Bakhtin, 2011, p. 275).

Serão durante esses movimentos de alternância de vozes dos sujeitos que cada indivíduo permitirá explanar o seu ponto de vista, a sua colocação, o seu projeto de dizer; de expressar-se nas inter-ações, aqui, notadamente como leitores e/ou produtores de textos. Assim, os livros acabam por criar a possibilidade da convivência com o outro. Mesmo em outro cronotopo – tempo/espaço -, o leitor

dissolve as fronteiras do seu tempo e espaço atual, em um convite ao diálogo com os autores. O leitor não terá o simples encontro com o texto pronto dos autores, mas, sim, o encontro de dois textos - do texto pronto e do texto a ser criado, por esses dois sujeitos que serão dois autores (Bakhtin, 2011), nas inúmeras construções de sentidos que as obras nos permitem.

Obras que proporcionem às crianças o contato com os mais diversos assuntos acabam por oportunizar uma melhor apropriação daquilo que acontece ao seu redor e no mundo em que está inserido. Por meio desses tantos diálogos, “nós explicamos o fenômeno a partir de sua atualidade e do passado imediato (no âmbito de uma ‘época’)” (Bakhtin, 2011 p. 375). No entanto, alguns temas considerados polêmicos ou tabus, como a morte, separação de pais, guerra, desastres naturais e tantos outros acabam sendo excluídos ou deixados de lado por pais, professores ou educadores em um pré-julgamento de seus leitores, ao acreditarem não ser “ideal” para determinada idade, situação social, ou, ainda, por acreditarem que as crianças não possuem a capacidade de dialogarem com a obra.

Obras como *O amanhã não está à venda*, do indigenista Ailton Krenak<sup>4</sup>, oportuniza reflexões acerca da sociedade em que estamos inseridos. Escrita durante o período pandêmico, o autor traz reflexões acerca da Covid-19 e vivenciada mundialmente.

Em um período em que as pessoas acreditavam que poderiam simplesmente adiar seus compromissos para o “dia seguinte”, Krenak, em severas críticas, deixa claro, em sua obra, a necessidade de se pensar nas atitudes humanas em relação aos atos contra a natureza, o modo de vida das pessoas na busca desenfreada por bens materiais, e na relação desigual entre os povos e sociedade.

Obras outras do mesmo Ailton Krenak, como *O amanhã não está à venda*, ou *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, de Eliane Brum, ou ainda *Meio Ambiente e representação social*, de Marcos Reigota, e mais *Tatá* de Fran Matsumoto, *Os rios morrem de sede* de Wander Piroli, *Aqui estamos nós. Notas sobre como viver no Planeta Terra*, de Oliver Jeffers e tantas outras, trazem

---

<sup>4</sup> Ailton Krenak é um líder indígena, ambientalista, filósofo, escritor, poeta e foi o primeiro escritor indígena a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

narrativas preocupadas com a natureza e as consequências para as futuras gerações. A crise ambiental acabou por se tornar, há algumas décadas, um dos maiores problemas ambientais contemporâneos, todavia mais agudizada neste novo milênio, sendo inclusive base temática de obras da literatura.

Compreender a importância da literatura em temas como estes, e de tantos outros, acaba por criar oportunidades para o diálogo, possibilidade de negociação de sentidos a seus leitores, despertando reflexões acerca dos acontecimentos e sobre o que pode ser feito para mudar essa realidade.

Estudos como a Ecocrítica assumiram, desde o início da década de 1990, uma nova área dos Estudos Literários, interessando-se pela relação envolvendo o homem e o meio ambiente, pretendendo dar voz a algo silenciado - a natureza e o mundo externo (Marques, 2012)<sup>5</sup>.

Em sentido *lato*, a Ecocrítica, conforme (Marques, 2012), “refere-se, a qualquer produção cultural do homem (filmes, livros, quadros) e à sua relação com ele, com o mundo exterior, e tomando uma posição de responsabilidade sobre tudo aquilo que lhe é deixado e tudo aquilo que ele produz”, sobretudo, da relação do homem com o meio em que está inserido, em uma perspectiva comprometida com o meio ambiente, por parte de quem escreve, porque a “literatura é parte inalienável da integridade da cultura, ela não pode ser estudada fora do contexto integral da cultura” (Bakhtin, 2011, p. 375). Por isso, somos, constantemente, encantados por uma literatura que humaniza e que permite sermos sujeitos “expressivos e falantes” nas relações de alteridade e seu reconhecimento para evitarmos o etnocentrismo, a ganância, a exploração e escravidão de outros povos e a perseguição de tais comportamentos, garantindo

uma coesão social, já que a literatura recria a realidade através da visão do autor, dos seus sentimentos, contribui para o enriquecimento cultural do leitor, desperta esse leitor para nova experiência, para o diferente (Buttler; Pires, 2022, p.142).

Portanto, para a organização deste artigo, discorreremos, primeiramente, sobre a obra *Um dia, um rio*, dos autores Leo Cunha e André Neves (2016). Em seguida,

---

<sup>5</sup> Ricardo Marques é doutor em Estudos portugueses.

dialogamos com os enunciados verbais e visuais da obra *Sagatrisuinorana*, dos autores João Luiz Guimarães e Nelson Cruz (2020), ambas escritas respectivamente após o rompimento das barragens que atingiram as cidades de Mariana/MG e de Brumadinho/MG. Depois, apresentamos uma proposta prática, elaborada em etapas – Explorando os paratextos/Durante a leitura/Após a leitura, com a obra *Sagatrisuinorana*. Por fim, as conclusões.

## **Um dia, um rio**

A obra *Um dia, um Rio*, do escritor Leo Cunha e do ilustrador André Neves, foi publicada em 2016 como um lamento e, ao mesmo tempo, um grito de socorro tardio pelo desastre ocorrido no dia 05 de novembro de 2015 com o rompimento da Barragem do Fundão, pertencente ao grupo Samarco Mineração S.A, situada na cidade de Mariana/MG. Com uma narrativa em versos, a obra traz o percurso do Rio Doce antes e após o desastre envolvendo o rompimento da barragem.

O leitor estranhamente se depara com a capa do livro em tons marrons, enquanto um menino com roupas de banho sujas tenta sair desse lugar. Seu olhar triste e angustiado olha para o leitor, em um lamento e, ao mesmo tempo, pedindo socorro para tirá-lo dali. Que lugar é esse? Por que o menino está neste lugar? Indagações iniciais como essas acabam por inquietar o leitor.

**Figura 1** - Primeira e quarta capas do livro *Um dia, um rio*.



**Fonte:** Cunha e Neves (2016).

Na obra, o narrador é o Rio, um menino de pernas finas e compridas, com um gorro azul e branco na cabeça e que caminha com um patinho de borracha. O rio menino traz falas doces e, também, amarguradas enquanto relata os acontecimentos. O personagem recorda o tempo em que alimentava a vida: “Minha dança colore os mapas, // Meu canto refresca as matas. // Minhas veias irrigam florestas, // alimentam o cerrado, // aliviam o sertão” (Cunha; Neves, 2016, p. 7) e, de uma hora para outra, “Meu leito virou lama, // Meu peito, chumbo e cromo. // Minhas margens, tristeza” (Cunha; Neves, 2016, p. 16).

Convidado pela editora Pulo do Gato a escrever a história, Leo Cunha, que também é mineiro, tem uma forte relação com os rios; sua família materna veio de Ribeirão Vermelho, localizado ao Sul de Minas, enquanto sua família paterna, de Jequitinhonha. Segundo o autor, o som da água corrente, do córrego e do rio o ajudam a acalmar, mas após o desastre, esse mesmo som acabou por ganhar também outro significado ao pensar na dor, tristeza e inconformismo com o ocorrido no Rio Doce.

Para Bakhtin (2011, p. 225), isso acontece porque “o artista interpreta as intenções mais complexas dos homens, das gerações, das épocas, das nações, dos grupos e classes sociais”. E, nesse sentido, não se trata apenas da transmissão de um acontecimento, ou de uma denúncia sobre o ocorrido ao Rio Doce. Tampouco se

restringe à reprodução de um discurso utilitário, feito de forma didática ou mecânica. O que está em jogo é um projeto de dizer materializado no livro como um discurso dirigido à emancipação, porque a obra literária genuína é mais, e de alguma forma vislumbra o SER MAIS freireano (Freire, 1987), na medida em que permite a escuta do outro, o diálogo no grande simpósio universal.

Tanto Freire (1987) quanto Bakhtin (2011) concebem os textos como formas de representação dos diálogos da vida, em que vida e obra do autor são indissociáveis; logo, há sempre uma condição de existência que liga uma a outra: os textos nunca são atos isolados do autor (dos autores), eles sempre carregam as ideologias, crenças e descrenças de quem os coloca no mundo externo. Olhar para um texto visual ou escrito é direcionar nosso olhar para um mundo cheio de signos pelo qual o autor (os autores) estão banhados. Assim, cabe a nós, enquanto leitores atentos, adotar uma postura investigativa e criativa diante das narrativas, buscando identificar suas camadas mais profundas e compreender o projeto de dizer do autor. Dessa forma, podemos despertar em nós sentimentos e novas perspectivas sobre o mundo, a sociedade e os espaços que habitamos. Afinal,

[...] a literatura [...] é essa metáfora da vida que continua reunindo quem fala e quem escuta num espaço comum, para participar de um mistério, para fazer que nasça uma história que pelo menos por um momento *nos cure de palavra*, recolha nossos pedaços, junte nossas partes dispersas, transpasse nossas zonas mais inóspitas, para nos dizer que no escuro também está a luz, para mostrarmos que tudo no mundo, até o mais miserável, tem seu brilho (Andruetto, 2012, p. 24).

O rompimento da Barragem do Fundão foi considerado pela Defesa Civil de Minas Gerais como um desastre ambiental de nível IV, ou seja, “desastre de porte muito grande”. A lama dos rejeitos devastou o Distrito de Bento Rodrigues, cerca de 5 km abaixo da barragem, e levada até o Rio Gualaxo do Norte, aproximadamente 55 km, desaguando no Rio do Carmo, atingindo em seguida o Rio Doce e afetando o litoral do estado do Espírito Santo. Um prejuízo ambiental gravíssimo e incalculável.

Utilizando a ilustração de uma grande máquina com um rosto humano, um rio menino sente medo e fragilidade ao se ver pequeno e acuado enquanto a máquina cospe água marrom simbolizando a lama e sujeira derramada pela empresa. Nas

sequências das páginas 12 e 13 da narrativa, ao lançar os rejeitos contra o garoto, o rio é silenciado, “hoje sou silêncio” (Cunha; Neves, 2016, p. 14), além das muitas outras vozes: “olho pros lados // e não vejo mais ninguém. // Só restaram cães e bonecas, // esperando, teimosos, // pelos que partiram” (Cunha; Neves, 2016, p. 24).

O ilustrador André Neves humaniza a barragem em uma crítica ao sistema capitalista e à ação humana pautada no lucro, demonstrando a ganância pelo poder e crescimento a qualquer custo, sem medir as consequências e prejuízo que isso pode causar.

**Figura 2** - Páginas do livro *Um dia, um rio*.



Fonte: Cunha e Neves (2016).

**Figura 3** - Páginas do livro *Um dia, um rio*



Fonte: Cunha e Neves (2016).

Em uma narrativa carregada de emoção e expressões, ao virar de cada

página, o leitor percorre o movimento do rio que já teve muitos momentos alegres - abrigava igrejas, acolhia os trabalhadores, ouvia as lavadeiras e crianças brincando. Mas um dia, foi atacado por um inimigo.

Referências à destruição e morte são transmitidas através dos peixes que carregam crianças e pelos trabalhadores, que passam a ser esqueletos de carcaças de peixes vagando pelo leito do rio que já não existe mais (Cunha; Neves, 2016, p. 26-27). O diálogo entre a linguagem verbal e visual trazidas na obra lamenta a morte não apenas de um rio, mas de tudo e de todos que o cercavam.

Assim, mais que uma crítica social ao ocorrido e o que poderia ser feito para evitar o desastre, ao final da narrativa, os autores nos permitem, mesmo diante de tanto sofrimento, que a obra seja abrigo, espera, acolhimento e escuta do outro, na esperança desse menino rio que pertence a natureza, de renascer e de se renovar: “Flores nascem no deserto, // A água brota na rocha // e a luz, da escuridão. // Serei um rio, // Um dia” (Cunha; Neves, 2016, p. 28-29).

Na sequência, dialogamos com a segunda obra, *Sagatrissuitorana*, eleita para compor nossos diálogos neste artigo.

## **Sagatrissuitorana**

A obra dos autores João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, vencedora do prêmio Jabuti em 2021<sup>6</sup>, encontra-se repleta de profundas simbologias, a começar pela composição um tanto surpreendente e, até mesmo, um pouco assustadora - pela dimensão de sua extensão - do título que, ao ser cuidadosamente observado, nos indica o desejo da obra em homenagear o autor mineiro Guimarães Rosa, conhecido pelas belas criações de neologismos.

No título, verificamos a junção do termo “Saga” e “rana” - uma menção à obra de Guimarães Rosa, *Sagarana* - e *trissuino*, termo que faz alusão ao clássico *Os três porquinhos*. Desta forma, o livro ilustrado *Sagatrissuitorana* reconta a trajetória dos três Porquinhos e do Lobo Mal com a particularidade da poeticidade dos versos

---

<sup>6</sup> O livro *Sagatrissuitorana* foi duplamente premiado. A obra recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro infantil e de melhor livro do ano, concorrendo com todas as demais categorias.

à moda roseana, com detalhes únicos na composição dos enunciados visuais e o ineditismo de um elemento não presente no clássico original: a memória às tragédias - inconsequentes - sucedidas pela ação humana em Mariana (2015) e Brumadinho (2019).

Ao tomarmos o livro em mãos, os elementos composicionais da primeira e quarta capas, que juntas formam um único cenário, nos revelam um ambiente campestre. Em primeiro plano, na margem direita, encontramos a figura do porco cuidando de suas galinhas no quintal de sua casa de palha. Ainda em primeiro plano, na margem esquerda, percebemos a figura escura do Lobo Mal. Este, camuflado ao cenário de pedras, observa o pequeno porco durante sua tranquila rotina.

**Figura 4** - Primeira e quarta capas do livro *Sagatrisuinorana*.



**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

Ao seguirmos nosso olhar para a próxima dimensão das capas - cenário em segundo plano -, reconhecemos, ao fundo, a presença da urbanização e industrialização por meio de fumaças que saem das chaminés. Assim, tudo parece seguir seu curso natural e a única figura ameaçadora da vida tranquila é a presença quase oculta do Lobo Mal.

A narrativa segue e, ao abrimos o livro, os primeiros pares de páginas duplas já revelam discretamente o verdadeiro elemento perturbador desta história:

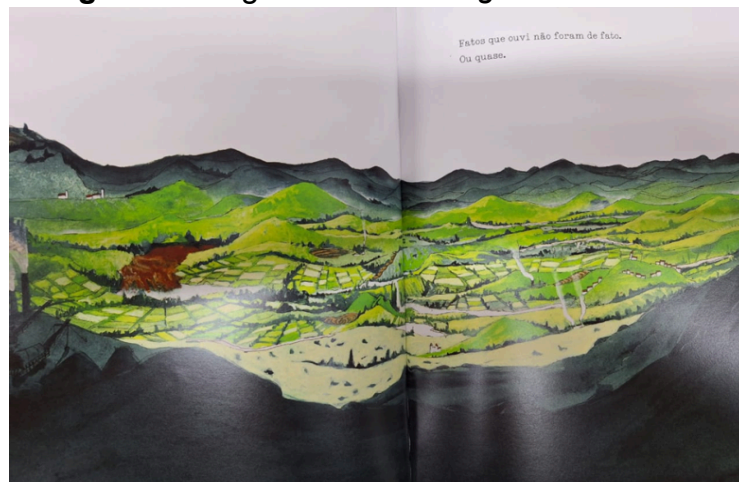
presenciamos o momento do rompimento da barragem e o avançar silencioso da lama pelas estradas.

**Figura 5** - Página do livro *Sagatrissuitorana*.



**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

**Figura 6** - Páginas do livro *Sagatrissuitorana*.



**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

Durante as próximas páginas - primeiras aparições do lobo na história -, podemos perceber que este é posto em maior destaque (primeiro plano), quando comparado seu tamanho à dimensão da lama a se aproximar. Logo, somos visualmente convencidos a acreditar que o grande elemento desafiador e causador de danos na narrativa será o vilão da história clássica *Os três porquinhos* que utiliza sua baforada para derrubar a primeira casa, a casa de palha: “Mas quando o vento

bateu à porta, adivinhou a baforada quente e quase dentada do Dito”<sup>7</sup>.

**Figura 7** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.



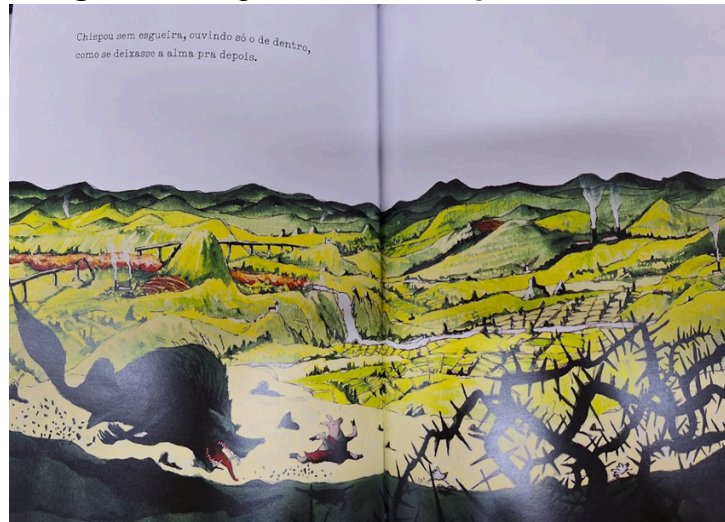
Fonte: Guimarães e Cruz (2020).

Porém, nas próximas páginas, visualizamos lobo e lama se nivelarem. Ambos adquirem o mesmo destaque no campo de visão do leitor e se esparramam pela dimensão da imagem. A tensão está criada, ao mesmo tempo em que tememos sobre qual poderá ser o destino dos três porquinhos, tememos, também, pela vida do Lobo Mal. Este, ao alcançar a casa de tijolos, encontra os suínos reunidos em tom de glória e satisfação: “[...] três porcos porcando-se em uma casa de tijolos; como se cofre. – Essa você não derruba! – gritaram<sup>8</sup>”.

<sup>7</sup> Enunciado presente nas páginas do livro *Sagatrisuinorana*.

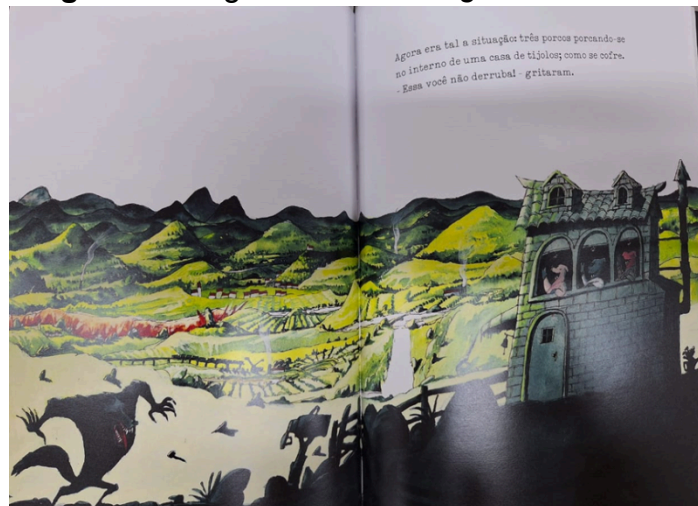
<sup>8</sup> Enunciado presente nas páginas do livro *Sagatrisuinorana*.

**Figura 8** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.



Fonte: Guimarães e Cruz (2020).

**Figura 9** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.

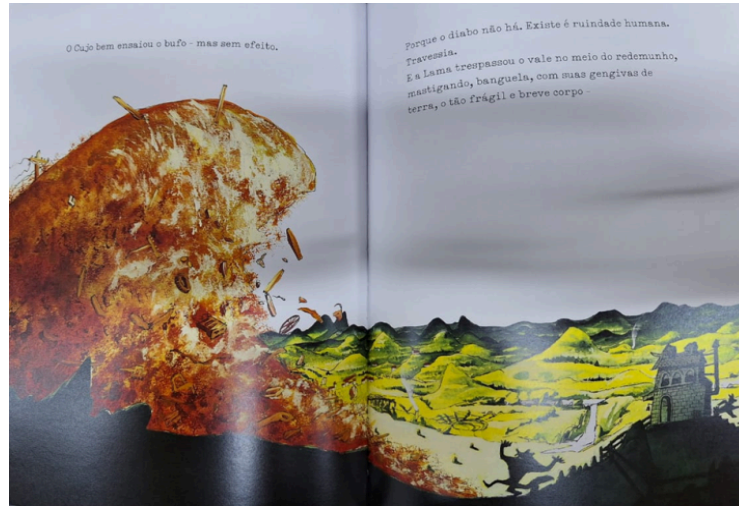


Fonte: Guimarães e Cruz (2020).

Porém, ao virarmos a página, nós – leitores e personagens – somos surpreendidos pela proporção adquirida pela lama, que ganha nome próprio e personificação ao ser redigida com letra maiúscula no enunciado verbal; esta não é apenas mais uma ameaça semelhante ao lobo, sua proporção ganha destaque, domina a cena e aterroriza nosso clássico vilão: “E a Lama trespassou o vale no meio do redemunho, mastigando, banguela, com suas gengivas de terra, o tão frágil

e breve corpo - delobodeporcodecasadetudo”<sup>9</sup>.

**Figura 10** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.



**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

A tragédia está completa, uma vez que personagens e cenário encontram-se misturados e cobertos pelo marrom da lama que, mais adiante, se transforma em um vasto “mar vermelho” de dor e sangue daqueles que tiveram suas vidas destroçadas pela ambição do homem: “Às vezes, o lobo pode ser lobo do lobo”<sup>10</sup>. A narrativa se fecha em tom vermelho, dedicado à memória das duas tragédias em Minas Gerais.

**Figura 11** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.

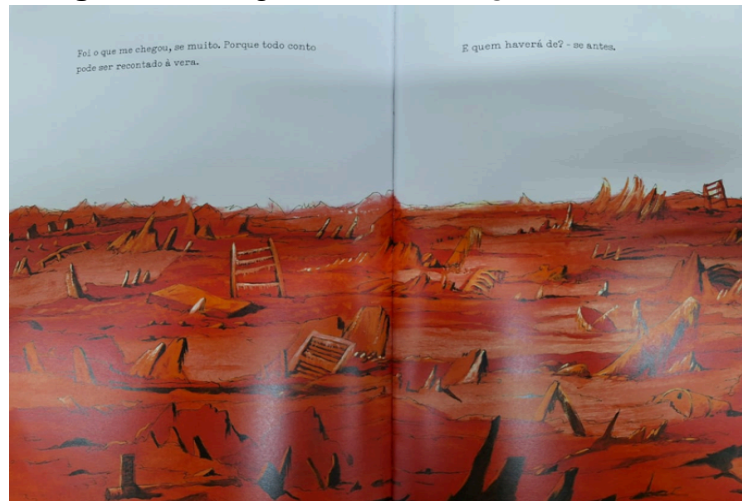


**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

<sup>9</sup> Enunciado presente nas páginas do livro *Sagatrisuinorana*.

<sup>10</sup> Enunciado presente na quarta capa do livro *Sagatrisuinorana* e que faz referência a Thomas Hobbes: “O homem é o lobo do homem”.

**Figura 12** - Páginas do livro *Sagatrisuinorana*.



**Fonte:** Guimarães e Cruz (2020).

Em uma narrativa a abrir espaços para diálogos, em uma arte que é comunicação, os textos verbais escritos por seu escritor – Guimarães –, juntamente com as ilustrações e projeto gráfico de Nelson Cruz, permitem no jogo entre as linguagens verbal e visual o despertar para um leitor cada vez mais crítico e questionador.

Dessa forma, quando se é proposto atividades a permitir aos leitores vivenciar encontros com a literatura, é oportunizado a essas crianças ampliar, diversificar e multiplicar suas possibilidades de apropriação desse objeto cultural, assim como alargar seus múltiplos diálogos para a compreensão da narrativa. A criança tem a oportunidade de se apropriar do objeto social “livro”, criando aptidões novas – funções psíquicas novas – pelo encontro com as vozes do professor, colegas de classes e vozes presentes na narrativa. Nas palavras de Leontiev (2004, p. 290):

[...] a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de *educação*.

## **Proposta prática: possibilidade de leitura da obra *Sagatrisuinorana* em sala de aula**

A necessidade de proporcionar leituras que não esbarrem somente naquilo que nossos olhos conseguem ver em um primeiro momento, mas, em leituras esmiuçadas, permite aos leitores estabelecer os diversos e múltiplos sentidos de acordo com a singularidade e individualidade de cada um. Em seu livro, *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, a escritora Cecilia Bajour nos lembra de que “a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala da escuta” (Bajour, 2012, p. 27). E podemos complementar ainda: a escolha de boas obras será a porta aberta (e porque não dizer, escancarada) para os diálogos constantes e tão necessários para as trocas outras, nos permitindo sair do copiar e colar realizado de forma mecânica e que, na sua maioria, acredita haver sempre apenas uma alternativa correta ou sentido único presente em uma narrativa.

Assim, quando são propostas atividades de leitura, seus leitores vivenciam encontros dialógicos com a literatura e permite a cada um ampliar as possibilidades para a apropriação desse objeto da cultura humana e para a compreensão leitora, pois os diálogos envolvendo leitor – autor e narrativa - são estabelecidos. Será durante as trocas dialógicas acerca das obras literárias – indiscutivelmente como um bem cultural –, que o professor, ao despir-se de sua posição de apenas falante e se colocar também em posição de escuta para com seus alunos, os entenderá como sujeitos que trazem consigo opiniões próprias, acervo cultural, crenças, ideias e visões que precisam ser enunciadas.

Neste cenário, sugerimos algumas propostas a serem realizadas para a recepção do livro ilustrado *Sagatrisuinorana*, baseadas nas estratégias de leitura defendidas por Girotto e Souza (2010). No entanto, esclarecemos que nada é esgotável e muitas outras possibilidades poderão ser traçadas para a ampliação dos diálogos com esta e tantas outras narrativas literárias. Afinal, toda leitura é viva e construída a partir da relação do leitor/leitores e suas conexões com a obra.

Para Girotto e Souza (2010), o trabalho com as estratégias de leitura é

fundamental para que os leitores desenvolvam a capacidade de refletir e alcançar as camadas mais profundas dos textos: ultrapassando processo de decodificação e conquistando, a longo prazo, a compreensão das estratégias mobilizados durante o ato que o fizeram compreender o que leu.

Os leitores proficientes procuram por conexões entre aquilo que já sabem e a nova informação que querem encontrar no texto que estão lendo; fazem perguntas sobre as narrativas, sobre os autores do livro e estabelecem inferências durante e após as leituras; visualizam e criam imagens mentais para melhor entendimento e construção de sentidos; distinguem ideias importantes na narrativa; sintetizam informações; e acabam por monitorarem adequadamente o entendimento, retomando possíveis falhas na compreensão durante as leituras (Giroto; Souza, 2010).

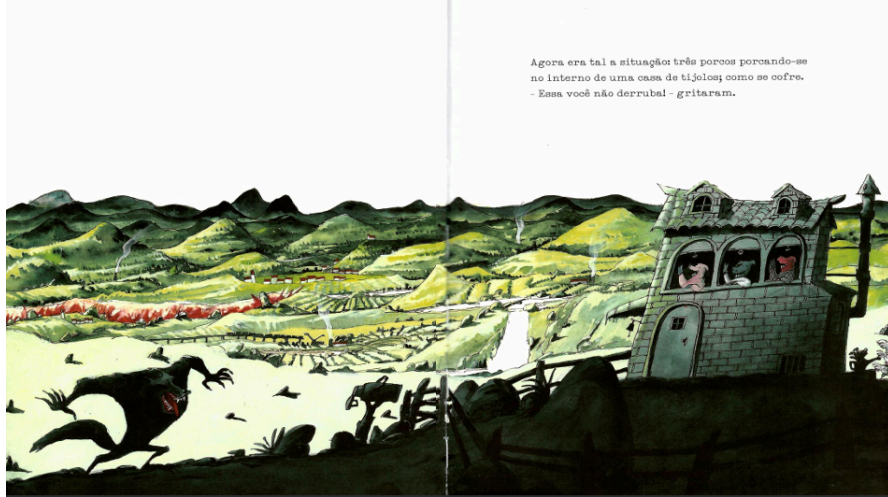
Conforme apontam as autoras, esses leitores “criam e partilham uma conversa interior com o autor enquanto leem; há, assim, uma interação, na qual o leitor se envolve e dialoga com o autor por meio da leitura” (Giroto; Souza, 2010, p. 58). Por essa razão, é indiscutível a importância de promover, no ambiente escolar, múltiplos e variados momentos de interação entre os leitores e as narrativas, favorecendo o desenvolvimento das competências leitoras e o engajamento crítico com os textos.

### Quadro 1 - Atividades práticas

<b>Etapa 1 – Explorando os paratextos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Organizar o ambiente de forma aconchegante para que as crianças/adolescentes possam se sentir confortáveis para o início da leitura. Os espaços escolhidos para as leituras são também importantes aliados, pois eles ajudam a contar a história, por isso é importante pensar e preparar estes lugares.</li> <li>● Apresentar a primeira capa do livro e questionar as crianças/adolescentes sobre os elementos visuais presentes e sobre o título da obra.</li> <li>● Convidar os alunos a refletirem se conhecem os autores do livro: sabem de onde eles são? Já leram outros livros escritos e ilustrados por eles?</li> <li>● Apresentar a quarta capa e instigar as crianças/adolescentes a reconhecerem que a imagem da primeira e quarta capa se completam, formam um único cenário.</li> <li>● Realizar a leitura dos enunciados verbais presentes na quarta capa.</li> <li>● Incentivar que os alunos ativem seus conhecimentos prévios e compartilhem para a sala sobre as possibilidades da narrativa a ser lida.</li> <li>● Explorar enunciados verbais e visuais presentes nas páginas da dedicatória.</li> </ul>

### Etapa 2 – Durante a leitura

- Proporcionar um ambiente respeitoso no qual as crianças/adolescentes se sintam confortáveis para compartilhar o que estão vendo nas páginas, para fazer suas inferências e conexões. É importante que eles consigam identificar com facilidade, logo nas primeiras cenas, a conexão da história com o clássico *Os três porquinhos*.
- Fazer pausas estratégicas em determinados momentos da narrativa para que os alunos possam compartilhar suas inferências sobre o que poderá acontecer na página seguinte. As páginas abaixo podem representar um bom momento para isso, uma vez que o Lobo Mal se encontra em frente à casa de tijolos e não sabemos se ele conseguirá derrubá-la ou não.



- Ao final, compartilhar com as crianças/adolescentes a leitura das páginas com as pequenas biografias dos autores do livro. As informações contidas proporcionam reflexões acerca de como a tragédia afetou os autores do livro e de como vida e obra estão sempre emaranhadas.

### Etapa 3 – Após a leitura

- Deixar que as crianças/adolescentes externalizem o que sentiram com a leitura da obra. O professor pode fazer questionamentos como:
  - que vocês sentiram lendo essa obra?
  - que mais gostaram?
  - Vocês se recordam dessas tragédias? O que se lembram sobre elas?
- Criar condições para que os alunos reflitam sobre as possíveis causas de tragédias como essa a partir de questionamentos:
  - Existe muita interferência humana na natureza para que tragédias como essa ocorram?
  - Quais as motivações para que os homens interferiram de maneira irresponsável na natureza?
- Retornar ao início da obra para que todos possam perceber a imagem do momento do estouro da barragem e como a lama foi caminhando durante as páginas seguintes.
- Discutir a respeito de termos específicos, utilizados nos enunciados escritos, que caracterizam a linguagem regional deste estado brasileiro. É uma boa oportunidade para se dialogar sobre marcas de fala regionais, características específicas de cada região do Brasil e preconceitos linguísticos.

Fonte: Os autores.

## Conclusão

Refletir socialmente sobre os diversos contextos que estão impostos nas diferentes realidades do Brasil e mundo significa abrir-se ao diálogo e se colocar em postura de alteridade, ou seja, tornar-se sujeito disposto a entender causas diferentes das suas e, juntos, batalhar por mudanças que possibilitem formas de vida menos desiguais e exploratórias:

Se as florestas são impenetráveis, jogá-las ao chão e transformá-las em lenha é a solução, a boiada vai passando livremente e o agronegócio inescrupuloso vai fincando raízes nas terras indígenas através do Projeto Independência Indígena. E assim, gradualmente, os povos são brutalmente retirados de suas terras, suas casas são derrubadas e dão lugar a usinas hidrelétricas, a pastos para criação de gado, a garimpos para extração de minérios, a campos de plantio de grão (Silva; Bessa, 2022, p.103).

São urgentes, portanto, obras literárias que escancaram crueldades e oportunizam formas de diálogo acerca das condições desumanizadoras e reais tragédias como consequência das ações humanas e, sobretudo, descaso dos governantes que não buscam soluções voltadas para a vida, mas sim, medidas que perpetuem o modo de produção desenfreado do capitalismo, “[...] cuja métrica é o lucro, o ganho, [cuja batuta rege e] olha aquele que tem valores diferentes como o atrasado, o coitadinho que precisa ser guiado para a luz da salvação pelo capitalismo [...]” (Silva; Bessa, 2022, p.111).

Assim, as histórias narradas em *Um dia, um rio* e *Sagatrissuonorana* são referências das possíveis brutalidades que atingem o cotidiano das pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade, pessoas cujas vidas possuem menos valor quando comparadas aos movimentos de exploração e lucro do capitalismo. Vidas que caracterizam as vozes que destoam e se tornam vítimas do modo de existência voltado ao trabalho abusivo. Vidas que pagam com a própria vida pelo não olhar alteritário que deveria nos mover dia a dia.

As obras nitidamente vão à contramão de algumas ideias equivocadas e que entendem a literatura para as crianças somente pela oferta de livros pautados em “coisas e assuntos fofinhos”, didatizantes, com ensinamentos morais e com

ilustrações pasteurizadas e confeccionadas apenas para atender uma massa uniforme, como afirma Rui de Oliveira (2008, p. 40): “Ilustrar não é fazer bonequinhos sem nacionalidade, com rostos inexpressivos e estereotipados que se repetem em todos os livros, independente do estilo ou clima literário”. *Um dia, um rio* e *Sagatrisuinorana* são obras a trazer uma literatura com aspecto a provocar os leitores, podendo, inclusive, o mesmo se sentir representado nas narrativas, ao ter assuntos vivenciados por eles.

Por isso, narrativas com tal teor temático, em projetos estético-literários e gráfico-editoriais de nível literário do mais alto grau, são mesmo objetos da cultura humana, potentes, capazes de não somente contribuir para a formação de leitores mais críticos e sensíveis, mas antes e, sobretudo colaborar na humanização de tantas ‘gentes’, carentes de vozes e narrativas que espelhem a crueza e crueldade sofrida pelos oprimidos e excluídos de todos os matizes.

## Referências

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. Carmen Cacciacarro (trad.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BUTTLER, D. B.; PIRES, J. R. F. P. Uma reflexão acerca das representações sociais na obra *Sagatrisuinorana*. *Revista Interfaces*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p.140-154, 2022.
- CUNHA, L.; NEVES, A. *Um dia, um rio*. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. de. *et al.* (ed.). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 45-114.
- GUIMARÃES, J. L.; CRUZ, N. *Sagatrisuinorana*. São Paulo: ÔZé, 2020.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

MARQUES, R. Ecocrítica. *In*: E-DICIONÁRIO de Termos Literários de Carlos Ceia. Lisboa: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecocritica>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. *Desastre Ambiental em Mariana e recuperação do Rio Doce*. Belo Horizonte: Semad, 2024. Disponível em: <http://www.meioambiente.mg.gov.br/component/content/article/13-informativo/2879-desastre-ambiental-em-mariana-e-recuperacao-da-bacia-do-rio-doce>. Acesso em: 10 jul. 2025.

OLIVEIRA, R. de. *Pelos Jardins Boboli*: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, I.; BESSA, J. C. R. A exploração e destruição da Amazônia: entre imaginários, diálogos e disputas de sentidos. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO - GEGe/UFSCar (org.). *Palavras e contrapalavras: o individualismo como erro fundante*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. v. 1, p. 99-117. Caderno de Estudos XIV.

VOLOCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: Editora 34, 2019.

*Recebido em: 22 ago. 2025.*  
*Aprovado em: 02 dez. 2025.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Juliana de Barros Souto*  
*Revisor(a) de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi*  
*Revisor(a) de língua espanhola: Milena Patrícia de Lima*